

# Na trilha da NEO INDUS TRIA LIZA ÇÃO brasileira



RICARDO SUTCHER/PR

GOVERNO LANÇA NOVA POLÍTICA INDUSTRIAL COM FOCO NA RETOMADA DESENVOLVIMENTISTA DO PAÍS AO LONGO DOS PRÓXIMOS DEZ ANOS

Caroline Rocha | Jornalista do Sistema FIEC  
cgrocha@sfipec.org.br

O desenvolvimento industrial já não carrega consigo o mesmo significado de décadas atrás. A geopolítica global mudou, a sociedade cresceu, os paradigmas se transformaram e as problemáticas seguiram o mesmo curso. Se um dia as indústrias conseguiram pensar em um progresso descolado do aspecto socioambiental, hoje, em meio ao que os especialistas consideram a 4ª Revolução Industrial – ou indústria 4.0 –, a realidade demanda uma postura inovadora e com foco no desenvolvimento sustentável, que considere os impactos das atividades econômicas na sociedade e no meio ambiente, no hoje e no amanhã.

Atentando-se a essa premissa e à realidade de desafios enfrentada pela indústria brasileira

no contexto atual, o Governo Federal lançou em janeiro deste ano uma política de neoindustrialização para o país: a Nova Indústria Brasil (NIB). O programa tem como objetivo impulsionar a indústria nacional ao longo dos próximos dez anos através de três principais formas de estímulo: investimentos, melhoria do ambiente de negócios e uso do poder de compra do Estado para fomento do setor produtivo.

O plano é fruto de discussões realizadas ao longo do segundo semestre de 2023 pelos grupos de trabalho do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI), recriado no ano passado pelo governo após oito anos de inatividade. O Conselho é composto por 20 ministérios, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e 21 entidades representativas da sociedade civil, do setor produtivo e dos trabalhadores, entre elas a Confederação Nacional da Indústria (CNI).



### Integram o Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI)

**Os ministérios:**

do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, que o preside  
do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar  
da Secretaria-Geral da Presidência da República  
da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos  
da Integração e do Desenvolvimento Regional  
da Casa Civil da Presidência da República  
do Meio Ambiente e Mudança do Clima  
da Ciência, Tecnologia e Inovação  
do Planejamento e Orçamento  
da Agricultura e Pecuária

das Relações Exteriores  
do Trabalho e Emprego  
de Portos e Aeroportos  
de Minas e Energia  
das Comunicações  
dos Transportes  
da Educação  
da Fazenda  
da Defesa  
da Saúde

**O presidente do BNDES**

### Representantes das seguintes entidades da sociedade civil:

Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e de Tecnologias Digitais (Brasscom)  
Associação de Empresas de Desenvolvimento Tecnológico Nacional e Inovação (PGD Brasil)  
Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq)  
Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)  
Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib)  
Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee)  
Associação Brasileira da Indústria de Semicondutores (Abisemi)  
Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI)  
União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (Unica)  
Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast)

Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia)  
Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim)  
Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC)  
Confederação Nacional da Indústria (CNI)  
Central Única dos Trabalhadores (CUT)  
Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram)  
União Geral dos Trabalhadores (UGT)  
Grupo FarmaBrasil  
Instituto Aço Brasil  
Força Sindical  
Embraer S.A.

A Nova Indústria Brasil parte das seguintes premissas: que o fortalecimento da indústria ocupa um papel central no desenvolvimento sustentável do país; que o Brasil sofreu um processo precoce

e acelerado de desindustrialização; e que as exportações brasileiras se concentram em produtos de baixa complexidade tecnológica.

A política conta com seis missões norteadoras, que devem

direcionar os trabalhos ao longo dos próximos anos. As missões englobam âmbitos distintos, porém considerados transversais para o desenvolvimento industrial e social brasileiro. São elas:

**Missão 1**



*Cadeias agroindustriais sustentáveis e digitais para a segurança alimentar, nutricional e energética*

**Missão 2**



*Complexo econômico industrial da saúde resiliente para reduzir as vulnerabilidades do SUS e ampliar o acesso à saúde*

**Missão 3**



*Infraestrutura, saneamento, moradia e mobilidade sustentáveis para a integração produtiva e o bem-estar nas cidades*

**Missão 4**



*Transformação digital da indústria para ampliar a produtividade*

**Missão 5**



*Bioeconomia, descarbonização, transição e segurança energéticas para garantir os recursos para as gerações futuras*

**Missão 6**



*Tecnologias de interesse para a soberania e defesa nacionais*

Foram estabelecidas metas específicas para cada uma das missões, além de áreas consideradas prioritárias para investimento e ações a serem desenvolvidas ao longo da década.

Durante a cerimônia de lançamento do plano, que reuniu

em Brasília as principais lideranças nacionais, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, destacou que o projeto resguarda uma possibilidade efetiva de mudança para o país. “É muito importante para o Brasil que a gente volte a ter uma política

industrial inovadora, [...] totalmente digitalizada, como o mundo exige hoje, e que a gente possa superar, de uma vez por todas, esse problema do país nunca ser um país definitivamente grande e desenvolvido. Nós estamos sempre na beira mas nunca chegamos lá”.

# NOVA INDÚSTRIA BRASIL

FORTE, TRANSFORMADA E SUSTENTÁVEL



RICARDO STILBERT/PAZ

“

*É muito importante para o Brasil que a gente volte a ter uma política industrial inovadora, [...] totalmente digitalizada, como o mundo exige hoje, e que a gente possa superar, de uma vez por todas, esse problema do país nunca ser um país definitivamente grande e desenvolvido”*

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

## Investimentos para a neointustrialização

Um aporte financeiro de R\$ 300 bilhões foi anunciado pelo governo dentro da NIB até o ano de 2026, através do Plano Mais Produção, que oferecerá linhas de crédito, *equity* (investimentos na bolsa de valores) e recursos não reembolsáveis para fomentar a neointustrialização e a transição ecológica brasileira a partir de quatro eixos, que qualificam o que se deseja para a indústria nacional: “Mais Inovação”, “Mais Verde”, “Mais Exportação” e “Mais Produtividade”.

Os recursos virão de fontes como o BNDES, a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), o Fundo Nacional de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico (FNDIT), o Fundo Clima, o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST) e fundos de investimentos. O valor anunciado está previsto no orçamento e não repercute para o contribuinte na forma de imposto ou tarifa extra.

GLADISON OLIVEIRA/COMPLEXO DO PECÉM



## Eixos do Plano Mais Produção

### Mais Inovação

(R\$ **66** bi):

Reúne recursos do Programa Mais Inovação, operados pelo BNDES e pela Finep, a condições de taxa referencial (baixos juros) para apoio à inovação e digitalização; recursos não-reembolsáveis para temas prioritários no âmbito das missões industriais definidas; recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico (FNDIT); além de fundos de investimentos estruturados pelo BNDES.

### Mais Exportação

(R\$ **40** bi):

Engloba a criação do BNDES Exim Bank, uma versão do BNDES voltada para apoio à exportação; o aprimoramento legal das exportações de serviços; e a disponibilização do conjunto de linhas de crédito ofertadas pelo BNDES no pré e pós-embarque de bens e aeronaves.

### Mais Produtividade

(R\$ **182** bi):

Agrupa as ações financeiras do Brasil Mais Produtivo, que disponibiliza financiamentos com taxa referencial (juros reduzidos) para a digitalização e financiamentos não reembolsáveis para até 90 mil micro e pequenas empresas; recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST), com foco na ampliação da conectividade de banda larga no país; e linhas do BNDES para expansão da capacidade produtiva e aquisição de máquinas e equipamentos.

### Mais Verde

(R\$ **12** bi):

Traz a estruturação de fundos de investimento em participações voltadas a temas relacionados à transformação ecológica e aportes do Fundo Nacional sobre Mudança do Clima, que disponibiliza recursos reembolsáveis e não-reembolsáveis para o financiamento de projetos, estudos e empreendimentos que visem à redução de emissões de gases de efeito estufa e à adaptação aos efeitos da mudança climática.

Para o presidente da CNI, Ricardo Alban, o plano segue a tendência do que vem sendo realizado pelas principais nações desenvolvidas do mundo. “As indústrias dos Estados Unidos, da União Europeia, do Reino Unido e do Japão estão recebendo US\$ 6,8 trilhões em políticas industriais. Se nesses países os objetivos não se alcançam sozinhos, nossa situação é ainda mais difícil, pois partimos de um ambiente de negócios que custa às empresas R\$ 1,7 trilhão ao ano em Custo Brasil e de um *spread*\* bancário de 27,4%, diante de uma média mundial de 7,3%”, frisou em artigo divulgado em 30 de janeiro no jornal Valor Econômico.

Na publicação, Alban ressaltou ainda exemplos bem-sucedidos de políticas industriais que

contribuíram para consolidar expressivos setores da economia brasileira, como a política de medicamentos genéricos, responsável por ampliar o acesso da população a remédios seguros, disponíveis a menor custo; o Programa Nacional do Alcool (Proálcool), que “colocou o Brasil na vanguarda da produção de biocombustíveis e pavimentou uma estrutura produtiva e de pesquisa e inovação sólida, que é referência mundial”; e a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer), “que serve de âncora para uma avançada base industrial, tanto na aviação civil como na militar”.

\*O *spread* é a diferença entre os juros que os bancos pagam quando alguém realiza um investimento e os juros que eles cobram quando se faz um empréstimo

## O verde no centro da indústria

Nem moda nem tendência, mas uma necessidade. A busca por uma agenda sustentável e pela estruturação de uma indústria verde, pautada na descarbonização de suas atividades, vem sendo apontada internacionalmente como o caminho a ser seguido nas próximas décadas – tanto pelo mercado internacional quanto pelos pesquisadores, que já alertam há anos sobre a inevitabilidade de uma mudança drástica no modelo produtivo, em função da emergência ambiental.

A NIB busca pavimentar esse caminho verde no Brasil, levando em conta a sustentabilidade como um conceito amplo, que envolve também o enfrentamento de problemas sociais. Nas palavras do vice-presidente e ministro do MDIC, Geraldo Alckmin, “a nova política posiciona a inovação e a sustentabilidade no centro do desenvolvimento econômico, estimulando a pesquisa e a tecnologia nos mais diversos segmentos, com responsabilidade social e ambiental”.

O entrelaçamento da política com esses dois conceitos – inovação e sustentabilidade – diz

respeito também à competitividade da indústria brasileira, como explica Rafael Lucchesi, diretor de desenvolvimento industrial e economia da CNI. “As sociedade mais coesas estão construindo esse caminho. Os Estados Unidos, a União Europeia, o Japão e a China estão investindo maciçamente no domínio das novas tecnologias digitais e da transição energética, então eles enxergaram essa janela de oportunidade, entenderam que isso é estratégico [...]. Essa janela de oportunidade vai se fechar e o futuro vai ser determinado pelo que os países estão fazendo agora”, reforça.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) e vice-presidente executivo da CNI, Ricardo Cavalcante, faz um adendo: “A necessidade premente de descarbonização da economia também abre um importante leque de oportunidades [para o Ceará e para o Brasil], reforçando as vantagens competitivas das energias renováveis que nós tão bem sabemos produzir, a exemplo das fontes eólica e solar, e do hidrogênio verde, nosso grande trunfo”.



LAURA GUERREIRO



GABRIEL LEMES

“*A nova política posiciona a inovação e a sustentabilidade no centro do desenvolvimento econômico, estimulando a pesquisa e a tecnologia nos mais diversos segmentos, com responsabilidade social e ambiental.*”

Geraldo Alckmin, vice-presidente e ministro do MDIC



DIVULGAÇÃO CNI

“*As sociedade mais coesas estão construindo esse caminho. Os Estados Unidos, a União Europeia, o Japão e a China estão investindo maciçamente no domínio das novas tecnologias digitais e da transição energética, então eles enxergaram essa janela de oportunidade, entenderam que isso é estratégico [...].*”

Rafael Lucchesi, diretor de desenvolvimento industrial e economia da CNI

## Uma política de tempo

Algo que perpassa os discursos das principais lideranças do país e do próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial, responsável pela elaboração da Nova Indústria Brasil, é que a política foi pensada a longo prazo, portanto requer tempo para seu desenvolvimento. Apesar de destacar marcos temporais, com objetivos previstos de 2023 a 2033, o plano de ação da NIB reforça tratar-se de “uma política sistêmica e de longo prazo, que interage com outras políticas”, e que, em seu componente inovativo, “envolve riscos e deve ser pensada em um horizonte temporal mais longo”.

Para avaliar e, caso necessário, rever as ações previstas, o desenrolar da NIB deverá ser observado de perto pelo CNDI através do monitoramento do cumprimento dos trabalhos e do impacto deles nos indicadores macroeconômicos do país. Para isso, está sendo construído, junto à Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), um observatório do desenvolvimento industrial, que dialogará com os observatórios da CNI.

O plano de ação ressalta ainda que a transversalidade do projeto e seu caráter sistêmico preveem a interação com outras políticas existentes e demandam uma articulação não apenas entre indústria e governo, mas com a sociedade, que é considerada o fundamental no programa

desenvolvimentista do país, fazendo parte da execução da política ao longo dos próximos anos.

“Essa tem que ser uma agenda da sociedade e do Estado brasileiro, uma política de longo prazo, com continuidade, [...] em que nós vamos, cada vez mais, ampliar a estrutura e a complexidade industrial. Quem ganha com isso? Toda a sociedade. A indústria é o segmento que mais exporta, que gera os melhores empregos, que mais inova. A inovação está no centro da competitividade de todos os segmentos produtivos. Isso é estratégico para o Brasil. Essa é uma agenda de país”, defende Rafael Lucchesi. Tomar as missões propostas pela Nova Indústria Brasil como responsabilidades também próprias é, dessa forma, imprescindível para a sociedade.

“As cartas estão postas, resta-nos trabalhar de forma integrada, unindo forças para transformar essas iniciativas em vetores de aceleração do ciclo de neoindustrialização sonhado. Esse é o nosso maior desafio na busca do futuro que precisamos começar a construir agora”, lança o presidente da FIEC e vice-presidente executivo da CNI. Para Ricardo Cavalcante, esse futuro tem desenho cristalino: uma indústria inovadora, competitiva, sustentável, de presença global genuinamente brasileira.



LAURA GUERREIRO

“*As cartas estão postas, resta-nos trabalhar de forma integrada, unindo forças para transformar essas iniciativas em vetores de aceleração do ciclo de neoindustrialização sonhado. Esse é o nosso maior desafio na busca do futuro que precisamos começar a construir agora*”



LAURA GUERREIRO